

"Países devedores estão perto da exaustão"

Tôquio — Antes de se reunir com o presidente dos Estados Unidos, o presidente Sarney também falou de dívida externa e das relações econômicas com os países ricos, em entrevista exclusiva à rede de televisão japonesa NHK. Eis alguns trechos da entrevista.

A América Latina tem uma grande dívida externa. Como o senhor a analisa?

O problema da dívida externa é extremamente sério, não só para os países devedores, como também para os credores. O Brasil tem defendido a tese de que a dívida tem dois níveis. Ela tem o nível financeiro, que é esse que diz respeito justamente ao relacionamento direto entre credores e devedores, e outro político, porque países devedores estão chegando a um ponto de exaustão e não temos condições de arcar com o ônus da dívida, sem que isso implique na deses-

tabilização, sem que isso implique num retrocesso, na capacidade de crescer, o que gera problemas políticos, gera problemas sociais. Por outro lado, também gera descrença no próprio sistema da economia de mercado, na liberdade econômica, que a democracia é incapaz de resolver os problemas dos países do Terceiro Mundo, dos países mais pobres. Portanto, nós temos de criar de fato nos países desenvolvidos uma mentalidade de que o problema da dívida não é somente um problema financeiro. Hoje, ele tomou uma dimensão mundial, de tal modo que pode ser um instrumento desestabilizador na ordem econômica internacional num espaço muito pequeno (...)

Porque o Brasil não declarou a moratória?

Bom, o Brasil não declarou a moratória por uma decisão política. Há uma di-

ferença muito grande entre ter uma posição política, de declarar a moratória, e outra da realidade dos fatos. Nós declaramos a suspensão do pagamento dos serviços da dívida, porque nossas reservas se esgotaram. É um fato muito claro, nós não tínhamos recursos para pagar. Quer dizer, nós não fizemos uma compensação política. Ao contrário, o Brasil, como um grande País, o que ele deseja é inserir-se cada vez mais na comunidade internacional. E o que nós desejamos é resolver o problema da dívida, através da negociação, através do diálogo. E logo que o nosso País retomou, com as providências que foram tomadas, seu dinamismo internacional, acumulando grandes reservas e, ao mesmo tempo, normalizando seu comércio internacional, nós voltamos à normalidade, fizemos acordos com os bancos credores,

com o Fundo Monetário Internacional, com o Clube de Paris e hoje o Brasil está com a sua situação absolutamente normalizada (...).

O senhor acredita que, no caso da moratória, os países latinos deveriam se unir?

Não. Nós sempre achamos que devemos considerar que cada país tem a sua peculiaridade. Nós temos que tratar de cada país, de resolver os seus problemas dentro das condições que ele pode oferecer. Mas na dívida, como eu disse, há um aspecto político. E esse aspecto político tem de ser discutido em conjunto, sem que prejudique as negociações de país para país, como cada um de nós está fazendo os seus acordos bilaterais. É a tese fundamental em relação à dívida, que eu tenho defendido, é a da não confrontação. Sempre procuramos a negociação (...).